



GYM FOR LIFE CHALLENGE: REFLEXÕES SOBRE SUCESSO NA GINÁSTICA PARA TODOS

Daniela Bento Soares*
Laurita Marconi Schiavon**

RESUMO

Este estudo tem como objetivos principais apresentar o evento *World Gym for Life Challenge* e levantar reflexões sobre sucesso na Ginástica para Todos (GPT). Esse evento é definido pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), sua promotora, como um concurso de coreografias de GPT, em que os grupos são avaliados e recebem medalhas e, dentre os melhores premiados, um destaca-se como o vencedor. As discussões apresentadas foram pautadas em discussões da primeira autora com pesquisadora mais experiente na área, de acordo com a metodologia de *critical companionship*, com base na experiência vivida de sua edição de 2017. Ao final do artigo, considerações sobre as competições/os concursos de GPT durante a pandemia são apresentadas/os.

Palavras-chave: Ginástica para Todos. Competição. Festival. Federação Internacional de Ginástica.

GYM FOR LIFE CHALLENGE: REFLEXIONS ABOUT SUCCESS IN GYMNASTICS FOR ALL

ABSTRACT

This study aims to present the event *World Gym for Life Challenge* and to incentive reflections about the success in Gymnastics for All (GfA). This event is defined by the International Gymnastics Federation, its promoter, as a choreography contest, in what groups are evaluated and receive medals and one is highlighted as the winner. The discussions presented were based on the discussions between the first author with a more experienced researcher in the area, according to the method of *critical companionship*, supported by the experience in the edition of 2017. At the end of the article, discussions about competition/contest at the GfA contest are presented.

Keywords: Gymnastics for All. Competition. Festival. International Gymnastics Federation.

* Doutora em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – FEF – Unicamp. Docente no Departamento de Ciências do Esporte da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, na área de Ginástica. E-mail: danibsoares@hotmail.com

** Doutora/Livre Docente e Docente na Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas – FEF – UNICAMP, na área de Ginástica. Líder do Grupo de Pesquisa em Ginástica (GPG). E-mail: lauritas@unicamp.br

GYM FOR LIFE CHALLENGE:
REFLEXIONES SOBRE EL ÉXITO EN LA GIMNASIA PARA TODOS

RESUMEN

Ese estudio tiene como principales objetivos presentar el evento *World Gym for Life Challenge* y suscitar reflexiones sobre su éxito en Gimnasia para Todos (GPT). El evento es definido por la Federación Internacional de Gimnasia (FIG), su promotora, como un concurso de coreografías de GPT, en que se evalúan equipos y les entregan medallas, y, entre los mejores reconocidos, uno se destaca como el ganador. Las discusiones presentadas se basaron en discusiones entre la primera autora y la investigadora más experimentada en el campo, de acuerdo con la metodología de *critical companionship* basada en la experiencia de su edición 2017. Al final del artículo, consideraciones sobre los concursos/competencias de GPT durante la pandemia son hechas.

Palabras-clave: Gimnasia para Todos. Competencia. Festival. Federación Internacional de Gimnasia.

INTRODUÇÃO

O que é sucesso no contexto esportivo? Como podemos determinar a dimensão do sucesso? Aquele/a que vence um campeonato mundial tem mais sucesso do que o/a que venceu o campeonato da universidade da mesma modalidade? A criança que aprendeu a realizar uma estrela tem menos sucesso do que uma campeã brasileira de Ginástica Artística? Sucesso no esporte refere-se a atingir uma meta de desempenho, sentir-se feliz com sua prática ou é uma combinação de ambos os fatores? Especialmente, como esse conceito está relacionado à prática da Ginástica para Todos (GPT)?

A GPT é uma manifestação da Ginástica cujos limites são pouco delimitados do ponto de vista institucional. Por não ter um Código de Pontuação e regras pontuais para serem rigidamente seguidas, a GPT pode ser mais facilmente utilizada e interpretada de forma a se adaptar a diferentes fins. A própria Federação Internacional de Ginástica (FIG), instituição que organiza a prática em nível mundial, assegura que essa característica seja claramente entendida em seus textos, como vemos a seguir:

A Ginástica para Todos oferece uma variedade de atividades apropriadas para todos os gêneros, grupos etários, habilidades e contextos culturais. As atividades de Ginástica para Todos contribuem para a saúde pessoal, o condicionamento físico e o bem estar – físico, social, intelectual e psicológico. O foco das atividades de Ginástica para Todos é diversão, condicionamento físico, fundamentos da Ginástica e amizade e pode envolver:

- Ginástica com e sem aparatos;
- Ginástica e Dança.

A Ginástica para Todos pode ser exibida através de demonstrações (ex. “World Gymnaestrada”) ou de eventos de competições de grupos (ex. “World Gym for Life Challenge”).

A Ginástica para Todos oferece experiências estéticas em movimento para participantes e espectadores, enquanto oferece a oportunidade de ter como foco aspectos que são de particular interesse em contextos nacionais e culturais (FIG, 2016, p. 5, tradução e grifos das autoras).

Ao ampliar as possibilidades de manifestação da GPT, a FIG abre margem para que diferentes objetivos sejam buscados da forma como os praticantes se interessem. A utilização de expressões como “variedade de atividades”, “pode envolver”, “pode ser exibida” e “particular interesse em contextos nacionais e culturais” é um sinal claro da característica multifacetada dessa prática segundo a Federação, indicando que muitos podem ser seus objetivos e até mesmo suas percepções de sucesso (BENTO-SOARES, SCHIAVON, 2020).

A natureza desse conceito, basicamente, reflete as características de entidades administrativas, com uma finalidade política de abranger o maior número de praticantes. Esses “são enunciados cunhados para facilitar sua divulgação, popularização e para regularizar os eventos oficiais” (BORTOLETO, 2008, p. 172). Para tanto, deixa em sua definição espaços propositais para interpretações pessoais (FIORIN-FUGLSANG; PAOLIELLO, 2008).

Talvez o maior exemplo do incentivo a diferentes contextos de prática para a GPT por parte da FIG seja a promoção de dois eventos com características distintas, a World Gymnaestrada (WG) e o World Gym for Life Challenge (GFL). A WG, como amplamente discutida pela literatura acadêmica brasileira, caracteriza-se por ser um festival não competitivo para a participação de grupos a partir de dez pessoas em diferentes espaços. Muitas informações sobre esse festival podem ser conhecidas nos estudos de Paoliello e colaboradores (2016) e Patrício, Bortoleto e Carbinatto (2016), entre outros.

Ao mesmo tempo, há a promoção do GFL, o qual se caracteriza como “uma espécie de campeonato mundial para clubes de Ginástica amadora” e “outro palco para a GPT mostrar suas habilidades em um ambiente amigável” (FIG, 2017a, p. 1).

Assim,

Enquanto a World Gymnaestrada é estritamente para apresentações, o World Gym for Life Challenge permite aos grupos a oportunidade de serem levemente avaliados baseados em criatividade e originalidade. (FIG, 2017a, p. 1, tradução das autoras).

WORLD GYM FOR LIFE CHALLENGE (GFL)

O GLF é definido pela FIG (2011, p. 6, tradução das autoras) como um “concurso internacional de grupos de Ginástica”, cujos objetivos são:

Oferecer um segundo evento promovido pela FIG para grupos de Ginástica; oferecer aos grupos de Ginástica a oportunidade de participar de um concurso e ter sua performance avaliada; criar um evento interessante e instigante em Ginástica para participantes e público; oferecer workshops interessantes para ginastas e treinadores.

As atividades do evento incluem as cerimônias de abertura e encerramento, os quatro concursos (festivais para diferentes categorias, compostos de apresentações e cerimônia de premiação em que cada ginasta recebe uma medalha), a Gala (semelhante ao concurso, porém com participação apenas dos grupos classificados como ouro nos concursos e premiação apenas para o melhor grupo do evento, que recebe um troféu), *workshops* e apresentações.

O evento é realizado a cada quatro anos, no ano ímpar entre as WG (FIG, 2011), em colaboração com uma cidade e uma Federação Nacional de Ginástica definidos com antecedência, os quais desempenham as funções de organização com o estabelecimento de um Comitê de Organização Local (FIG, 2011).

As categorias abrangidas pelo evento são “Ginástica e Dança” e “Ginástica com ou em grandes aparelhos”. Tais categorias podem ser realizadas por grandes grupos, com 21 ginastas ou mais, ou pequenos grupos, de 2 a 20 ginastas (FIG, 2011); assim, o evento conta com quatro possibilidades de participação.

Parte fundamental do evento são as avaliações. As apresentações são avaliadas com base nos critérios de “valor de entretenimento”, “inovação, originalidade e variedade”, “técnica, qualidade e segurança” e “impressão geral” e é importante ressaltar que não há uma divulgação da descrição desses critérios, ou seja, não há padronização específica e pública para o que cada jurado/a deve avaliar em cada item. Cada critério pode receber até cinco pontos por jurado/a e é julgado por um painel de quatro especialistas, os/as quais, segundo a FIG (FIG, 2011), possuem diferentes conhecimentos e experiências em Ginástica e são selecionados/as pelo Comitê de GPT da FIG. Assim, cada grupo pode receber até 20 pontos por critério e 100 pontos no total (FIG, 2011). As apresentações são ranqueadas e podem receber premiações ouro, prata ou bronze. Segundo o regulamento, o ouro é atribuído aos 14 grupos de todas as categorias com maiores notas e as premiações prata

e bronze são divididas igualmente entre os grupos restantes. Todos os resultados são divulgados em ordem alfabética e as pontuações não são anunciadas; todos/as os/as ginastas recebem uma medalha de acordo com sua premiação (FIG, 2011). A Gala, por sua vez, é avaliada por oito especialistas e por mais um/a representante de cada Federação Nacional de Ginástica participante desse festival. Nesse momento, cada avaliador/a indica os grupos que considera o melhor (que recebe dez pontos por indicação), o segundo melhor (seis pontos) e o terceiro melhor (dois pontos) concorrentes ao troféu; dessa pontuação, o grupo vencedor do GFL é eleito.

Para esse festival de Gala, a FIG se reserva o direito de convidar até dois grupos para se apresentar e concorrer ao troféu (FIG, 2017b), de forma a incentivar a participação e parabenizá-los pelo trabalho desenvolvido. Os grupos recebem a nomeação de “wildcards” ou “coringas”, em uma referência ao jogo de cartas.

Há também no evento a proposta de proporcionar aos grupos que assim desejarem comentários (*feedback*) sobre suas apresentações. O Comitê de GPT da FIG convida especialistas para observar os grupos durante o concurso e transmitir suas considerações aos/às treinadores/as após a cerimônia de premiação (FIG, 2011).

A primeira edição desse evento teve lugar na cidade de Dornbirn (Áustria), entre 15 e 19 de julho de 2009. O evento agregou 1541 ginastas de 67 grupos (FIG, 2017d). A segunda edição do GFL ocorreu de 10 a 14 de julho de 2013, em Cape Town (África do Sul), com a participação de 68 grupos e 1405 ginastas (FIG, 2017c). A de 2017, terceira edição, teve participação de 2076 ginastas de 88 grupos de 23 países. Segundo a FIG (2017g, p. 1, tradução das autoras), “Austrália e Azerbaijão participaram pela primeira vez do evento e Alemanha (360 participantes), Suíça (317 participantes) e Noruega (240 participantes) tiveram as maiores delegações”.

EDIÇÃO DE 2017 – VESTFOLD, NORUEGA

A edição de 2017 do evento promoveu a “Noite Norueguesa de Abertura – Ritmo das Ondas”, que foi agraciada com a presença do Rei Harald V da Noruega no ano de seu 80º aniversário (FIG, 2017f), fato que atribuiu ao evento o nome oficial de “*King Harald’s World Gym for Life Challenge 2017*” (FIG, 2017b). Nos concursos de 2017, dezoito grupos da categoria “grandes grupos” para as performances de “Ginástica e Dança” representaram as localidades Alemanha, Dinamarca, Estados Unidos, Finlândia,

Grã-Bretanha, Hungria, Malásia, Noruega, Portugal e Suíça (FIG, 2017b). Destes, quatro receberam a medalha de ouro e foram convidados a se apresentar na Gala. A maior categoria, “pequenos grupos” para “Ginástica e Dança”, contou com 47 grupos de 20 diferentes países (FIG, 2017b). Nas performances de “Ginástica com ou em grandes aparelhos”, doze “pequenos grupos” e onze “grandes grupos” representaram oito países: Austrália, Áustria, Dinamarca, Alemanha, Grécia, Noruega, Portugal e Suíça. A Alemanha foi o país com a maior delegação no evento (FIG, 2017b).

É importante citar que a África foi representada por apenas um grupo em todo o evento, do Zimbábue, mostrando que a participação em eventos dessa magnitude ainda não é constante em diferentes localidades. Esse grupo foi um dos contemplados com a premiação coringa e convidado para integrar a Gala, o que demonstrou um incentivo e celebração por parte da FIG na participação do grupo, mas que, ao contrário, não pode ser confundida com uma falsa sensação de representatividade do continente africano no evento. Vale destacar que essa menor participação de países não europeus no evento provavelmente se relaciona com o alto custo de participação e de deslocamento até os locais de realização. Para além desse argumento, no entanto, está a concepção de GPT entendida pelos diferentes países, como já citado anteriormente e por Bento-Soares e Schiavon (2020). Países como o Brasil, décima maior delegação em número de pessoas na última edição da WG, em 2019 (FIG, 2019), agrupam muitas pessoas que não consideram os concursos/competições de GPT como adequados a essa prática, ou mesmo que se interessam mais pelo conagraamento e a demonstração.

DECISÕES METODOLÓGICAS

Após apresentar alguns dados gerais sobre o GFL e sua edição de 2017, discutiremos as questões relacionadas à prática da GPT em si nesse espaço, baseadas na vivência de uma das autoras como voluntária do evento e em discussões com a segunda autora, de forma a buscar relações dessa prática com o conceito de sucesso. Essa relação dialética de reflexões interativas sobre práticas pessoais entre pesquisadores/as foi apresentada por Jones e Ronglan (2017) como a noção de *critical companionship* ou companhia crítica, baseados nos estudos de Titchen (2003).

Essa perspectiva fundamenta-se em uma proposta colaborativa, avaliativa e crítica de cada pessoa participante e entre pares, com o objetivo de esclarecimento e geração de novos

conhecimentos (JONES; RONGLAN, 2017; TITCHEN, 2003). Segundo Titchen (2003), o método de geração de dados empregado nesse projeto envolve reflexão crítica acordada e cooperativa e o desenvolvimento de novas ideias a partir do debate. A metodologia escolhida fundamenta-se na perspectiva ontológica interpretativista, adotada pelas autoras, e que entende o conhecimento como gerado de forma socioconstrutiva e coletiva (SACCOL, 2009), e, dessa forma, interpreta os dados de acordo com o método descrito.

ANÁLISE E DISCUSSÃO: OBSERVAÇÕES NO GFL 2017 E O SUCESSO

A experiência vivida no evento teve lugar como parte da equipe de trabalho dos bastidores dos festivais, a qual era responsável por receber e encaminhar para saída os grupos na área de aquecimento e controlar os ensaios e entrada e saída do palco de apresentações. Participar como voluntária com essa função foi uma escolha proposital para, além de contribuir com o bom funcionamento das atividades do GFL, ponto principal de motivação do voluntariado, estar em contato com os grupos participantes em seu momento mais genuíno e espontâneo, nos momentos de preparação e imediatamente antes e após as apresentações. O objetivo dessa observação foi justamente tentar compreender o espírito do evento, a motivação dos grupos em participar de um concurso/competição de uma prática essencialmente não competitiva e tentar identificar possíveis consequências das premiações, uma vez que a autora voluntária é pesquisadora da área da GPT e desejava a vivência desse evento para além das concepções estabelecidas apenas de forma teórica, possivelmente desvinculada da realidade.

Durante a participação de tais grupos, os aspectos de mais destaque observados têm relação com: a) a subjetividade das reações dos grupos às premiações, suas noções de sucesso na atividade desenvolvida; b) a influência dos/as treinadores/as dos grupos na percepção de sucesso da apresentação; e c) a importância dada pela organização do evento em não assegurar um “modelo” de apresentação de sucesso.

As coreografias apresentadas em 2017 possuíam caráter diversificado em relação às suas temáticas, com interesses relacionados à diversidade cultural, respeito ao meio ambiente e à natureza e outros temas contemporâneos como o bullying, a influência da mídia sobre o comportamento das pessoas e os padrões de atitude impostos pela sociedade. Outras coreografias contavam histórias, indicando que o sucesso também pode estar em entreter pessoas a partir de propostas criativas. A noção de sucesso pôde ser também incorporada

à ideia de transmissão de uma mensagem. Para os grupos compostos por ginastas idosos ou com deficiência, o sucesso é a participação, a superação de limites físicos e emocionais para a performance em público. Para outros grupos, o sucesso pôde estar na participação em si.

A interpretação dessas diferentes percepções de sucesso não é apenas subjetiva ao se observar as coreografias, mas foi perceptível pela reação dos/as ginastas após as apresentações. Foi possível identificar no discurso e nas expressões de participantes adultos/as e idosos/as, como os do grupo da Austrália, composto por pessoas entre 50 e 74 anos que não eram praticantes de Ginástica (FIG, 2017b), a sensação de que a apresentação se realizou de forma completamente satisfatória por ter sido finalizada com poucos erros e sem lesões. Apesar de não ter sido considerada pelos/as jurados/as do evento como “ouro”, a participação do grupo no evento foi autoconsiderada como sucesso.

Da forma correlata e ao mesmo tempo antagônica, pôde ser percebida a noção de alto rendimento e perfeição como sucesso para alguns grupos de crianças e jovens. Muitos/as integrantes desses grupos, ao receberem medalhas de bronze em suas premiações, envergonhavam-se e rapidamente tiravam seus agasalhos de uniforme. A mesma relação foi vista com a medalha de prata: enquanto para grupos de adultos/as e pessoas com deficiência foi recebida com comemoração e alegria, para os grupos de crianças e jovens representava o não alcance da marca técnica e criativa pretendida. Como em uma competição de formato clássico, este concurso, por ter avaliações, mesmo que subjetivas, também contou com a insatisfação do público presente expressa pelas vaias – outro aspecto que destaca as diferentes percepções de sucesso e que reforça a influência de sociedades meritocráticas, que valorizam a competição.

O aspecto subjetivo da percepção de sucesso na GPT também pôde ser observado pela postura dos/as treinadores/as nos momentos de preparação e logo após as apresentações. Dois casos foram observados com relação a esse aspecto. No primeiro deles, a coordenadora de um grupo reuniu suas ginastas e, carinhosamente, reafirmou o quanto estava feliz com a presença do grupo no evento, que independente da classificação recebida a coreografia estava muito bonita e parabenizou as ginastas pelo esforço em realizar a apresentação da melhor forma possível. Em outro grupo de mesma faixa etária, as ginastas foram reunidas por sua coordenadora, que cobrou um maior comprometimento, realizou correções e cobranças com relação à técnica da coreografia e, apenas por fim, parabenizou as ginastas. Ambos os grupos receberam a menção “prata” dos/as avaliadores do evento e realizaram apresentações muito aplaudidas.

Assim, a postura das coordenadoras dos grupos valida a diferença do enfoque dado aos diferentes objetivos da GPT. Ambos os focos são aceitos pela prerrogativa da GPT, que possibilita diferentes formas de expressão. Essa constatação destaca que o fato de o evento ser um concurso não obriga que a GPT adquira um caráter competitivo ou desvincule-se de sua finalidade de congraçamento, sendo observados muitos momentos de colaboração, apoio e entusiasmo entre os grupos.

Por fim, destaca-se o fato de a organização do evento não assegurar um “modelo” de apresentação de sucesso, tendo atribuído a menção “ouro” a grupos com diferentes perfis. As coreografias apresentadas no festival de Gala, sendo quatro da Alemanha, três da Suíça, duas de Portugal e uma de cada país ou região entre Áustria, Azerbaijão, Grã-Bretanha, Grécia, Itália, Japão, Noruega e Zimbábue (FIG, 2017b), englobaram as quatro categorias do evento. O fato de haver entre os finalistas um grupo bastante semelhante ao vencedor da edição anterior do GFL e que dessa vez não alcançou a premiação também indica possivelmente que há um interesse da organização do evento em não rotular uma única forma de praticar a GPT, mas em valorizar suas diferenças artísticas, pessoais e culturais.

Entre os grupos convidados a participar desse festival como “coringas”, o grupo da Universidade de Tsukuba, Japão, destacou a promoção da GPT em âmbito universitário, reforçando uma proposta criativa e indicando a prática em um ambiente ainda não convencional em outros países que não da América Latina. Da mesma forma, o convite ao grupo do Zimbábue para integrar as apresentações dessa noite é um voto da organização do evento de que a participação foi considerada como de sucesso.

COMPETIÇÕES E CONCURSOS DE GPT DURANTE A PANDEMIA

A análise da realização de um evento com caráter de competição ou de concurso como parte do sucesso na GPT, apresentada neste artigo, pode também ser considerada para o período da pandemia de COVID-19, entre os anos de 2020 e 2021. Diferentes instituições de promoção da Ginástica como um todo e de GPT realizaram, nesse período, eventos com tais formatos, a fim de prospectar novos/as praticantes e manter ativos/as antigos/as da GPT. Dois casos destacam-se, das Federações Nacionais de Ginástica do Azerbaijão e da Alemanha¹.

No Azerbaijão, grupos de GPT vinculados à federação nacional têm participado de eventos de diferentes perspectivas. Em 2018, um grupo do país participou da edição

¹ Os casos foram conhecidos no evento Colóquio de Ginástica para Todos, promovido pela Federação Internacional de Ginástica em 2021. Informações mais detalhadas foram buscadas diretamente com gestores/as dessas instituições, bem como em *sites* oficiais e em vídeos do *YouTube*.

européia do GFL e, em 2019, a instituição propôs, internamente, uma atividade que se configurou como um concurso. A insistência, nesse tipo de atividade, parece ser, segundo o responsável pela GPT na Federação, senhor Eyvazov Ruslan (2021)², muito bem recebida pelo público nacional. Assim, durante a pandemia, houve a promoção de um *webinário* educacional sobre o GFL para treinadores/as e uma competição de fotografias de famílias praticando GPT. Nessa última atividade, os/as espectadores/as puderam votar nas imagens que consideraram mais interessantes.

Imagem 1 – Cartaz de divulgação de resultados do evento competitivo promovido pela Federação de Ginástica do Azerbaijão durante a pandemia.



Fonte: RUSLAN (2021).

Já a Federação de Ginástica da Alemanha criou, para o período de isolamento social, um *show contest* ou concurso. Após questionarem os grupos de GPT afiliados à instituição sobre suas situações de atividade durante a pandemia, bem como sobre aprendizados e emoções sentidas durante esse tempo, a instituição solicitou que os grupos produzissem vídeos de três minutos demonstrando suas respostas e criações coreográficas. Tais vídeos foram televisionadas por um canal de televisão (*Sport Deutschland TV*) e espectadores/as puderam votar em seu preferido. O evento contou com mais de 23.000 votos do público em geral e também com júris de especialistas e celebridades, incluindo uma ginasta olímpica. Todos os grupos foram considerados vencedores e a Federação ficou impressionada com as criações (DTB, 2021).

² Informação informal enviada por e-mail para a autora principal.

CONCLUSÃO

Considerando os aspectos destacados neste texto, pode ser observado que a noção de sucesso na GPT é variada, corroborando com sua característica multifacetada. Essa perspectiva é considerada por nós, autoras, como positiva, pois permite que a Ginástica seja praticada para diferentes finalidades e por toda a vida (SCHIAVON; TOLEDO; AYOUB, 2017), de acordo com a característica de cada grupo. Assim, é possibilitado que um maior número de pessoas continue a prática gímnica e tenha oportunidades de se expressar corporalmente, com ou sem a possibilidade de um desafio validado por medalhas. Além disso, embora não haja a comprovação científica (numérica) dessa informação, a impressão do perfil dos/as participantes do GFL parece contar com um maior número de jovens e de homens do que eventos como a WG. De fato, a própria FIG indica que a idealização desse evento ocorreu em respostas aos pedidos de ginastas de várias localidades, que desejam momentos competitivos para grupos (FIG, 2017a). Essa argumentação é plausível se observarmos a grande promoção nacional de festivais nomeados como Gym for Life Challenge. A título de exemplo, a edição de Portugal desse evento, em 2017, contou com 3150 participantes de 60 instituições (FEDERAÇÃO DE GINÁSTICA DE PORTUGAL, 2017), número significativo de adesões.

Um aspecto a ser destacado em defesa dos critérios de avaliação do evento é sua, aparentemente proposital, não divulgação da descrição dos critérios de avaliação das coreografias. Ao passo que a organização do GFL informa as variáveis pontuadas pelos/as avaliadores/as, mas não delimita de que forma esses critérios serão julgados, permite a subjetividade de grupos e de avaliadores/as, assegurando a liberdade proposta pela GPT. Considerando que essa falta de parâmetros é conhecida por participantes, avaliadores/as, público e organização, não há questões para o questionamento das medalhas atribuídas e garante as características da GPT com relação às suas diferentes concepções estéticas, expressivas e técnicas. Essa flexibilidade da avaliação coreográfica, permitida também pelos diferentes perfis de avaliadores/as convidados/as para o evento, não é vista em outros eventos competitivos de GPT, como é o caso, por exemplo, da Ginastrada Regional, evento competitivo realizado desde a década de 1980 no estado de São Paulo, Brasil (BARBOSA, 2016), que estabelece normativas similares às de competições de Ginástica Rítmica e da Dança para uma prática com uma lógica completamente diferente, com finalidade demonstrativa e não competitiva.

Assim, apesar de entendermos que a realização do evento é muito coerente com as diferentes concepções de GPT e com os interesses de seus/suas praticantes e validarmos a sua promoção, destacamos que a característica que distingue a GPT de outras práticas ginásticas e a coloca em posição de destaque é sua condição não competitiva. A possibilidade de ser uma forma de praticar Ginástica sem um Código de Pontuação, métricas e cobranças técnicas permite que praticantes de GPT vivenciem possibilidades corporais coletivas com foco em manifestações artísticas, expressivas e nas relações sociais de colaboração em seu grupo e desse com os demais de sua rede social (MENEGALDO, 2018). Tais potencialidades, se trabalhadas de maneira pedagogicamente consciente, podem trazer contribuições que apenas a participação não competitiva pode proporcionar, em especial, a aceitação das características individuais de cada participante. Esse valor pedagógico encontra-se justamente nas relações afetivas dos/as ginastas – entre si e com a prática da Ginástica – que, quando não estão competindo, podem sentir-se parceiros/as de seus/suas colegas e confiantes de suas habilidades para aquela atividade-fim. Essa confiança atribui leveza às relações sociais e permite que o foco dos grupos esteja em outros aspectos da prática da GPT que não a técnica e as cobranças.

No entanto, tanto o contexto competitivo como não competitivo dependem da mediação dos treinadores/as e do perfil e dos objetivos coletivos desse grupo, que não é a própria GPT que determina, mas a **postura pedagógica** adotada. Consideramos que os pontos de atenção de treinadores/as de GPT devem ser os objetivos coletivos e individuais dos/as participantes de seu grupo, trabalhados de forma consciente e pedagógica. As discussões sobre as estratégias pedagógicas em GPT e sobre as suas diferentes concepções e manifestações são ainda incipientes e é importante que sejam debatidas. Especialmente com relação ao entendimento de sucesso nessa prática, ressaltamos que esse entendimento deve ser de superação de parâmetros exteriores, baseadas em Coté e colaboradores (2007): o sucesso na GPT deve ser considerado pela maneira como os/as treinadores/as empregam seus conhecimentos e exercem suas competências nas relações sociais com os/as ginastas e incentivam as relações entre eles/as. Ressaltamos Coté e Gilbert (2009), ao afirmarem que a função da dos/as mediadores/as deve ser guiar os/as alunos/as a serem confiantes e autônomos/as em suas práticas esportivas e corporais.

Com esse artigo, convidamos a comunidade acadêmica da área da Ginástica e da GPT a dialogar sobre mais essa possibilidade dessa prática e a aprofundar os debates.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Renata Angélica. **O papel da “Ginastrada Regional” para o desenvolvimento da ginástica geral paulista**. 2016. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, 2009.

BENTO-SOARES, Daniela; SCHIAVON, Laurita Marconi. Gymnastics for All: different cultures, different perspectives. **Science of Gymnastics Journal**, v. 12, n. 1, p. 5-18, 2020.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Uma reflexão sobre o conceito de técnica na Ginástica Geral. In: PAOLIELLO, Elizabeth (Org.). **Ginástica Geral – Experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008.

CÔTÉ, Jean; GILBERT, Wade. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, 2009.

CÔTÉ, Jean et al. Towards a definition of excellence in sport coaching. **International Journal of Coaching Science**, v.1, n. 1, p. 3-16, 2007.

DTB. **Be active Showtime** 2021. 2021. Disponível em: <https://www.dtb.de/weitere-nachrichten/nachrichten/artikel/beactive-showtime21-1>, acesso em 02 nov. 2021.

FEDERAÇÃO DE GINÁSTICA DE PORTUGAL. **Gym For Life Nacional 2017**. Disponível em: <https://www.facebook.com/ginasticaportugal/videos/1469330616463710/>, acesso em 25 mai. 2018.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **World Gym for Life Challenge Regulation**. 2011.

_____. **Gymnastics for All Manual – 2016 Edition**. 2016.

_____. **About Gymnastics for All**. Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com/site/page/view?id=236>, acesso em 19 out. 2017a.

_____. **Vestfold celebrates emotions, diversity and friendship**. In: FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **World of Gymnastics**, n. 82, Oct. 2017b.

_____. **2nd World Gym for Life Challenge 2013 | CAPE TOWN**. Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com/site/competition/view?id=5078>, acesso em 19 out. 2017c.

_____. **1st World Gym For Life Challenge | DORNBIRN**. Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com/site/competition/view?id=2190>, acesso em 19 out. 2017d.

_____. **World Gym for Life Challenge gains momentum**. Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com/site/figNews/view?id=1844>, acesso em 19 out. 2017e.

_____. **World Gym for Life Challenge kicks off to the ‘rhythm of the waves’**. Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com/site/figNews/view?id=1841>, acesso em 19 out. 2017f.

_____. **This is the World Gym for Life Challenge!** Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com/site/figNews/view?id=1837>, acesso em 19 out. 2017g.

_____. **World Gymnastrada 2019 Festival Guide**. 2019.

FIORIN-FUGLSANG, Cristiane Montoro; PAOLIELLO, Elizabeth. Possíveis relações entre a Ginástica Geral e o lazer. In: PAOLIELLO, Elizabeth (Org.). **Ginástica Geral – Experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008.

JONES, Robyn Loyd; RONGLAN, L. T. What do coaches orchestrate? Unravelling ‘quiddity’ of practice. **Sport, Education and Society**. 2017.

MENEGALDO, Fernanda Raffi. **Ginástica para Todos: por uma noção de coletividade**. 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

PAOLIELLO, Elizabeth et. al. Participation of the Pan-American Gymnastics Union in the 2011 World Gymnastrada. **Science of Gymnastics**, v. 8, n. 1, p. 71-83, 2016.

PATRÍCIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviene. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 1, p. 199-216, 2016.

SACCOL, Amarolinda Zanela. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 2, n. 2, p. 250-269, 2009.

SCHIAVON, Laurita Marconi; TOLEDO, Eliana de; AYOUB, Eliana. Por uma Ginástica para a vida toda. In: GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar; PAES, Roberto Rodrigues. **Múltiplos cenários da prática esportiva** – Pedagogia do Esporte – Vol. 2, p. 215-245, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

TITCHEN, A. Facilitating practitioner research through critical companionship. **Journal of Research in Nursing**, n. 8, v. 2, p. 115-131, 2003.

Agradecimentos: A experiência que originou esse ensaio foi realizada durante o período de Doutorado Sanduíche da primeira autora, financiado pela CAPES (bolsista da Capes/PDSE/Processo nº {88881.135084/2016-01}). A pesquisa de Doutorado foi financiada pelo CNPq (bolsista do CNPq/Processo nº {140354/20166}). Agradecemos o apoio financeiro de ambos os órgãos de fomento.